



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE MEDIAÇÕES INTERCULTURAIS
CURSO DE BACHARELADO EM TRADUÇÃO

MARCUS VINICIUS BARBOSA DE CALDAS BARROS

**APENAS A MINHA HISTÓRIA: UM RELATO AUTOETNOGRÁFICO
DO PROCESSO DE EDITORAÇÃO E TRADUÇÃO
DA OBRA *JUST SO STORIES* DE RUDYARD KIPLING**

João Pessoa - PB

2024

MARCUS VINICIUS BARBOSA DE CALDAS BARROS

**APENAS A MINHA HISTÓRIA: UM RELATO AUTOETNOGRÁFICO DO
PROCESSO DE EDITORAÇÃO E TRADUÇÃO
DA OBRA *JUST SO STORIES* DE RUDYARD KIPLING**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Tradução sob orientação do Prof. Dr. Daniel Antonio de Sousa Alves.

João Pessoa - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B277a Barros, Marcus Vinicius Barbosa de Caldas.
Apenas a minha história : um relato autoetnográfico
do processo de editoração e tradução da obra Just So
Stories de Rudyard Kipling / Marcus Vinicius Barbosa de
Caldas Barros. - João Pessoa, 2024.
40 f. : il.

Orientador : Daniel Antonio de Sousa Alves.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Letras e Artes, 2024.

1. Autoetnografia. 2. Competência tradutória. 3.
Formação do tradutor. 4. Editoração. I. Alves, Daniel
Antonio de Sousa. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81'255.4

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu agradecimento mais afetuoso. Obrigado por acreditarem em mim e por sempre estarem ao meu lado.

Gostaria de expressar enorme gratidão ao meu orientador, Prof. Daniel Alves, cuja orientação e expertise foram cruciais durante a minha jornada na universidade e no desenvolvimento deste trabalho. Agradeço pela paciência, pelo feedback construtivo e pelo constante incentivo.

Aos meus amigos, professores, colegas e funcionários da UFPB, agradeço pelo apoio, pelas trocas de ideias, pela dedicação e pelo companheirismo. Vocês estão no meu coração.

A todos e todas que, de alguma forma, colaboraram nesta trajetória acadêmica: o meu mais sincero obrigado.

“É bom ter no fim da jornada para onde caminhar,
mas o que importa mesmo, afinal, é a jornada em si.”

(Ursula K. Le Guin)

RESUMO

Este trabalho é uma autoetnografia que tem como objetivo descrever e analisar o processo de criação do livro *Apenas Histórias*, uma tradução comentada de *Just So Stories*, de Rudyard Kipling, desenvolvida pelos discentes do curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba. Eu, como discente do curso, que também desempenhei o papel de tradutor e editor, exploro a minha experiência pessoal e profissional ao longo da jornada de tradução, editoração e publicação da obra. Este estudo relata os aspectos subjacentes ao processo de tradução que culminaram na publicação da obra, destacando seu início, os desafios enfrentados, a colaboração entre os tradutores e tradutoras, o aprendizado aplicado e o aprimoramento das habilidades tradutórias dos envolvidos. Os relatos apresentados aqui podem ser utilizados como fonte de pesquisa e informação para interessados no campo dos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: Autoetnografia; Competência Tradutória; Formação do Tradutor; Editoração

ABSTRACT

This research is an autoethnography aimed at describing and analyzing the process of creating the book *Apenas Histórias*, a commented translation of Rudyard Kipling's *Just So Stories*, spearheaded by students from the undergraduate program in Translation Studies at the Federal University of Paraíba. As a student of the program who also acted as translator and editor, I explore my personal and professional experience throughout the translation, editing, and publication journey. This study explores the underlying aspects of the translation process that led to the publication of the work, highlighting its beginning, the challenges faced, the collaboration among translators, the applied learning, and the further development of the translation skills of those involved. The accounts provided here can be used as a source of research and information for those interested in the fields of Translation Studies.

Keywords: Autoethnography; Translation Competence; Translator Training; Editing

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
2.	A TRADUÇÃO E A AUTOETNOGRAFIA	9
3.	UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA	11
3.1	“PRECISAMOS DE UMA CAPA”	15
4.	O PROCESSO DE CRIAÇÃO E PUBLICAÇÃO DO LIVRO.....	18
5.	ANÁLISE DA TRADUÇÃO	22
5.1	A TRADUÇÃO DE “COMO O ELEFANTE CONSEGUIU A SUA TROMBA”	24
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

Este projeto autoetnográfico tem como objetivo descrever e analisar a experiência pessoal, através de relatos, da tradução comentada de *Just So Stories* de Rudyard Kipling, e a criação e publicação do livro *Apenas Histórias*, desenvolvido pelos discentes do curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba, no ano de 2023.

Este trabalho se justifica por descrever os bastidores do desenvolvimento da tradução até a publicação da obra, expondo como foi iniciado, as dificuldades encontradas, a troca de experiências entre tradutores e tradutoras, o conhecimento colocado em prática e o consequente desenvolvimento da competência tradutória dos tradutores da obra. Além de servir de referência para outros pesquisadores, a descrição do processo tradutório pode facilitar a identificação de áreas de melhoria e a adoção de técnicas e estratégias do processo tradutório que contribuam para o universo dos Estudos da Tradução. Em relação aos relatos aqui apresentados, será utilizada uma narrativa na primeira pessoa do singular e, adicionalmente, do plural, ao se referir às experiências em conjunto vividas pelo grupo de tradutores do projeto.

A produção deste trabalho também leva em consideração a importância da prática tradutória e do empoderamento do tradutor na realização da tradução e da editoração de um livro de contos. Traduzir um livro não é uma tarefa fácil e transformá-lo em uma obra publicada pode ser desafiador. Primeiramente, aprender a traduzir textos literários não é algo trivial e não existem caminhos únicos para tal aprendizagem (Kipling, 2005 apud Alves, 2024, p. 5). Durante o processo de tradução, as dificuldades encontradas foram superadas através de debates e trocas de experiência, baseado, conforme veremos, na proposta de Kiraly (2000). Em relação à publicação do livro, vários empecilhos podem ocorrer até ver a tão sonhada cópia física do livro impressa e pronta para ser lida. Os relatos aqui apresentados, no geral, podem servir como fonte de pesquisa e informação para quem almeja ver uma obra traduzida publicada ou para quem se interessa por Estudos da Tradução.

O presente texto é dividido em: [1] a tradução e a autoetnografia, em que será feita uma autorreflexão sobre o início do projeto, o método de coleta e os aspectos da autoetnografia/pesquisa narrativa; [2] uma experiência colaborativa, em que será abordada e explicada a metodologia aplicada no projeto, a importância da experiência

coletiva e o início do desenvolvimento de aspectos do livro; [3] o processo de criação e publicação do livro, em que será destrinchado todo o processo, desde o projeto até a obra publicada; [4] análise da tradução, em que será realizada a análise da tradução do conto "Como o elefante conseguiu a sua tromba"; e [5] considerações finais, em que será feita uma reflexão sobre o final do projeto e o resultado alcançado.

2. A TRADUÇÃO E A AUTOETNOGRAFIA

Com a crescente globalização, a disseminação de informações expõe o papel fundamental da tradução na comunicação intercultural. Essa perspectiva de globalização significa que nossas histórias traduzidas não são mais limitadas a experiências internas de um determinado estado-nação (Cronin, 2003). Na literatura, por exemplo, a tradução facilita a acessibilidade e a compreensão de obras em diferentes culturas e idiomas, contribuindo para uma troca cultural e superando barreiras linguísticas. Portanto, a tradução pode ser uma peça importante na preservação e transmissão de narrativas culturais. Tais narrativas podem envolver as experiências pessoais dos tradutores e suas reflexões sobre o processo de tradução.

Este método, denominado autoetnografia ou pesquisa narrativa, pode ser descrito como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema, onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno (Paiva, 2008). Em síntese, este viés permite aos pesquisadores analisarem não apenas os aspectos técnicos e teóricos da tradução, mas também as dimensões subjetivas e contextuais envolvidas na prática tradutória. A pesquisa narrativa muitas vezes envolve reflexões críticas sobre como as histórias são contadas, interpretadas e transformadas ao longo do tempo e entre diferentes contextos culturais. Por exemplo, quando eu era pequeno, gostava de devorar livros. Eram empréstimos, presentes ou apenas os livros paradidáticos da escola. Lembro-me de agarrar um exemplar, sentar no chão do quarto, nas tardes de domingo, e ler e reler aquelas palavras, esquecendo do tempo e espaço. Era maravilhoso entrar nesse mundo novo de possibilidades: a imaginação. Contudo, nunca me indaguei sobre como era produzido aquele "item cheio de palavras", aquela capa superproduzida (que eu já admirava e usava para tentar deduzir a história), o processo de publicação e um dos mais fáceis de passar despercebido: a tradução. Talvez de tamanha distração, há pouco tempo me dei conta

de que *O Avião Fantasma*, de Thomas Brezina, que me acompanhou durante toda a infância, trata-se de uma tradução. Ainda quando criança, eu gostava de brincar de escrever e extrair trechos de livros e revistas. Criei até uma minirevista semanal que só possuía uma pessoa como leitora: minha avó.

Meu primeiro contato com a tradução aconteceria antes de ingressar no curso. Em uma tarde de sábado, querendo assistir muito a um episódio de uma série de televisão a qual (ainda) não estava disponível em alguma plataforma de streaming, decidi criar a legenda em português. A legenda em língua inglesa já existia incompleta, ajudando a simplificar o processo. Após esse episódio, me ofereci para legendar um capítulo de um show de talentos, que ainda não possuía legendas em português, porque iríamos assistir entre amigos e nem todos compreendiam inglês. Mas, em nenhum momento, refleti sobre o processo de tradução: a ideia geral, o contexto, as escolhas, as perdas, entre outros. Tinha apenas uma motivação e achava que era suficiente. Por esses e outros motivos, vi no curso de Tradução, na Universidade Federal da Paraíba, uma oportunidade de me aprofundar em técnicas e estratégias linguísticas, comuns na prática de tradução. O fluxograma do curso também é bem dinâmico e abrangente, oferecendo uma base sólida em teorias de tradução, envolvendo tradução literária, tradução técnica, localização de software, tradução audiovisual, entre outras.

A possibilidade de realizar um trabalho envolvendo reflexões profundas sobre as minhas experiências pessoais, incluindo temas culturais e sociais, me incentivou a escrever este trabalho autoetnográfico. No entanto, eu não possuía entendimento prévio sobre autoetnografia. Inicialmente, ao me deparar com o conceito de método de pesquisa qualitativo, fiquei intrigado com a ideia de combinar elementos de autoanálise pessoal com pesquisa tradicional. Todo o processo de coleta de dados, envolvendo a reflexão crítica e escrita, pode ser uma experiência que aprimora a capacidade do pesquisador de se engajar com questões complexas de forma mais profunda e detalhada. Tentei evocar lembranças, mergulhando em uma análise cuidadosa das minhas próprias experiências. À medida em que lembrava, registrava brevemente pequenos tópicos para desenvolvê-los posteriormente. Foi um processo árduo, pois exigia uma constante reflexão sobre como minhas próprias perspectivas e vivências poderiam influenciar as minhas interpretações.

Esses relatos pessoais podem fornecer novas e valiosas perspectivas que muitas vezes são negligenciadas em abordagens mais tradicionais. Porém, com o risco de subjetividade excessiva, pode haver a dificuldade em manter uma distância crítica. Esse é, para mim, um dos desafios da autoetnografia: a capacidade de equilibrar a autorreflexão com a análise crítica.

No entanto, o projeto pode não apenas enriquecer o conhecimento acadêmico e pessoal, mas também coletivo, o qual serviu como ponto de interseção do grupo, ocasionando várias perspectivas que favoreceram a troca de experiências e conhecimento. Portanto, através dessa colaboração, foi possível explorar, sentir e expressar individual e coletivamente a complexidade da experiência humana.

3. UMA EXPERIÊNCIA COLABORATIVA

Partindo da minha experiência, a prática de traduzir contribui significativamente para o desenvolvimento profissional e acadêmico dos estudantes de Tradução. Durante o curso, os estudantes têm a oportunidade de traduzir uma variedade de textos, como literários, técnicos, jurídicos, científicos, entre outros. Essa prática é um caminho comum durante a graduação, intensificada em disciplinas de estágio, proporcionando aos estudantes as habilidades técnicas, linguísticas e práticas necessárias para se tornarem tradutores proficientes e preparados para o mercado de trabalho. Uma dessas disciplinas de estágio, denominada Estágio Supervisionado V: Prática de Tradução em Textos Literários, tem como proposta a produção de uma tradução durante o semestre que seja publicada posteriormente e, segundo a ementa¹ da disciplina, “de modo a buscar o desenvolvimento do pensamento crítico acerca do texto literário e de estratégias de solução de problemas de tradução envolvendo textos literários” e “com tarefas pensadas de modo a valorizar o desenvolvimento da autonomia dos/as discentes, respeitando conhecimentos individuais prévios e ritmos individuais de aprendizagem”. A abordagem da disciplina é fundamentada nos textos de Kiraly (2000) e no trabalho de Alves, Costa e Nascimento (2018), que são

¹ Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/dmi/contents/documentos/programas-de-disciplinas/semestre-letivo-2022.2/gdmi0116-estagio-supervisionado-v-pratica-de-tradacao-em-textos-literarios.pdf/view>. Acesso em: 02 jun. 2024.

trabalhados também ao longo do curso. Nessa abordagem, é discutido o pensamento socioconstrutivista, que geralmente vê o conhecimento como algo que está inserido em contextos sociais e que se desenvolve através da interação com outras pessoas e com objetos reais. Como afirma Kiraly (2000):

A verdadeira colaboração em sala de aula não significa os estudantes realizarem traduções individualmente na companhia dos colegas. Significa compartilhar a responsabilidade de capacitar todo o grupo como futuros profissionais. O processo de tomada de decisão torna-se o segundo foco principal de atenção na aula, juntamente aos artefatos que acompanham esse processo. Para garantir a verdadeira colaboração em sala de aula, os estudantes devem ser mutuamente dependentes uns dos outros para atingir os objetivos. Nas suas vidas profissionais, como na maioria dos empreendimentos humanos, os tradutores terão de ser capazes de trabalhar em cooperação uns com os outros. A interdependência promove e ensina a responsabilidade, enquanto a responsabilidade individual garante que cada aluno contribua para os objetivos comuns do grupo, bem como adquira as competências sociais e translacionais necessárias para trabalhar profissionalmente ao concluir o programa.² (KIRALY, 2000: 67, tradução nossa)

Seguindo essa proposta de Kiraly (2000), coube à turma a responsabilidade pelas decisões tomadas, o que envolveu analisar situações, identificar problemas, resolvê-los e liderar os trabalhos correspondentes. Dessa forma, planejou-se criar uma simulação de ambiente profissional onde o professor abandona a imagem de figura central, desempenhando o papel de orientador do trabalho, auxiliando em certos processos, estimulando reflexões sobre as decisões tomadas e, dessa forma, os estudantes ganharam liberdade para trabalhar de forma autônoma e deliberada, mas respeitando o processo de aprendizagem. Portanto, com preferência pela literatura infantil, a turma escolheu, por unanimidade, o livro de contos *Just So Stories* de Rudyard Kipling, o qual posteriormente tornou-se *Apenas Histórias*, pilar deste trabalho.

Just So Stories é uma coletânea de 12 contos, considerada um clássico da literatura infantil, escrita por Rudyard Kipling (1865-1936) e originalmente publicada em 1902. A obra é composta de contos que explicam, de maneira inventiva e criativa, como certos

² True collaboration in the classroom does not mean having learners do translations individually in the company of peers. It means sharing responsibility for empowering the entire group as emergent professionals. The process of decision-making becomes a second primary focus of attention in the class along with the artifacts of those processes. To ensure true collaboration in the classroom, students must be mutually dependent on each other for accomplishing goals. In their professional lives, as in most human endeavours, translators will have to be able to work co-operatively with each other. Interdependence fosters and teaches responsibility, while individual accountability ensures that each student is contributing to the common goals of the group as well as acquiring the necessary social and translational skills to work professionally upon completing the programme.

animais adquiriram suas características distintas ou comportamentos peculiares. Os contos apresentam uma mistura de fantasia e humor, todos contados com uma prosa poética distinta que caracteriza o estilo de Kipling.

Para o projeto de tradução colaborativa, a obra *Just So Stories*, já em domínio público, foi retirada integralmente do *Project Gutenberg*. Acompanhando a proposta de Kiraly (2000), a própria turma ficou responsável pela organização do trabalho. Após a análise do material, durante uma das aulas da disciplina, o próximo passo foi atribuir a responsabilidade da tradução dos 12 contos a cada estudante. Como a turma contava com apenas nove participantes, foi necessário atribuir mais de um conto a três participantes, que prontamente se ofereceram para realizar o trabalho. No entanto, a turma prezou por uma “divisão justa” para evitar sobrecarga e excesso de trabalho. Sendo assim, os participantes com mais de uma atribuição ficaram responsáveis por traduzir contos mais curtos, em relação aos demais participantes. O próximo passo foi definir os prazos para a conclusão da tarefa: texto traduzido, prefácio e comentários dos tradutores que fariam parte do trabalho final. Iniciamos o trabalho no próprio Laboratório de Tradução (LabTrad), utilizando computadores com acesso à internet, ferramentas e softwares de apoio à tradução e outros recursos disponibilizados pela universidade. No entanto, a maior parte do trabalho foi realizada fora do ambiente universitário, onde estabelecemos meios de operação e comunicação remotos que auxiliassem também para a nossa aprendizagem.

Quanto mais pessoas estão envolvidas em um projeto, mais preparação e coordenação são exigidas de todos os membros presentes, portanto, para a nossa organização, criamos um glossário virtual compartilhado, no aplicativo *Google Docs*, em que cada membro poderia marcar observações, incluir termos e sugerir traduções que seriam utilizadas ou não. Essas escolhas foram realizadas durante discussões que fazíamos em um grupo on-line de conversa, onde cada membro opinava e chegávamos em um consenso. A possibilidade de contato simultâneo entre todos do grupo facilitou enormemente o trabalho como um todo, eliminando a possibilidade de uma conversa individual entre dois tradutores ter a consequência de atrapalhar o processo em maior escala para outros membros. Dentro deste mesmo grupo, foi decidida a escolha do título entre as possibilidades *Simplesmente Histórias*, *Só Histórias*, *Não mais que Histórias* e *Apenas Histórias*, sendo este último escolhido por unanimidade. Organizamos também o destino para as traduções e comentários individuais realizados

para que pudessem ser facilmente organizados em um único arquivo, através do aplicativo *Google Docs*, o qual todos podiam acessar e editar.

Durante todo o nosso trabalho em traduzir colaborativamente os diversos contos do livro, encontramos vários desafios dentro e fora do projeto. Como exemplos, posso citar a padronização de termos, escolhas tradutórias, conflitos de coerência, definição de uma linguagem e estrutura para ser seguida durante o processo de tradução, entre outros. Além disso, também houve desafios variados para os tradutores da equipe. Primeiramente, era um texto relativamente antigo, já com mais de cem anos entre sua publicação e a nossa tradução. Isso significava que não apenas o conhecimento da língua inglesa era necessário, mas também do inglês mais antigo e prosaico presente em todos os contos.

Para tornar a tradução mais fluida, foram necessárias diversas adaptações dos termos de época usados, respeitando a estrutura do texto e tendo o cuidado de não atribuir sentidos diferentes dos que interpretamos no texto-fonte. Uma das expressões mais recorrentes no livro, e um dos alvos dessas discussões, foi a *just beloved*, que por unanimidade tornou-se “meus queridos”. Além disso, as discussões propostas pelo docente da disciplina e os tradutores em questão influenciaram na construção textual com a definição de escolhas lexicais, debate sobre a necessidade de adaptação do texto para um determinado público-alvo, a necessidade de pontuação e a aplicação de mecanismos textuais como coesão e coerência.

A revisão inicial da tradução foi realizada após uma leitura da primeira versão que desenvolvemos. Nossos colegas de curso, Aléckson Costa e Cézanne Carvalho, que não faziam parte da disciplina, foram os convidados para realizar a análise e trazer outra perspectiva sobre o trabalho. Após elaborarem suas críticas, comentários e elogios, foi organizado o processo de revisão em sala de aula. No geral, a prática permitiu que os tradutores recebessem feedback de professores e colegas, essencial para identificar áreas de melhoria e continuar aprendendo ao longo do projeto. Esse processo de revisão crítica ajudou os tradutores a justificarem e questionarem suas próprias escolhas tradutórias, contribuindo para a evolução das habilidades de tradução e desenvolvendo uma abordagem mais consciente e reflexiva em relação ao trabalho de tradução.

3.1 “PRECISAMOS DE UMA CAPA”

Em uma das aulas, enquanto trabalhávamos no Laboratório de Tradução, e discutíamos o uso de hífen, travessão ou meia-risca na construção do texto, pensamos: “Precisamos de uma capa?!”. Por padrão, no final da disciplina, os projetos traduzidos são publicados no website³ do curso de Tradução, na aba “Produção Discente”, e todos possuem uma capa antes de o texto ser introduzido. A publicação do livro ainda era uma ideia latente, mas todos concordaram, afinal, precisávamos realmente de uma capa para definir o projeto.

Apesar de já estar em domínio público, escolhemos não utilizar as mesmas ilustrações criadas por Joseph Michael Gleeson e presentes em *Just So Stories* na construção da capa. Após algumas conversas e reflexões, já que a capa seria apenas para ilustrar o projeto e ainda não havia intenção de publicação, surgiu a sugestão: “Por que não criar a capa utilizando IA (inteligência artificial)?”. Segundo a definição do Google Cloud (2024), a inteligência artificial (IA) é um campo da ciência da computação que se concentra no desenvolvimento de sistemas/algoritmos, capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana. Esses sistemas/algoritmos são projetados para aprender, raciocinar, perceber, reconhecer padrões e tomar decisões com base em conjuntos de dados já existentes. Nos últimos anos, a inteligência artificial, mais especificamente em sua vertente generativa, destacou-se pela manipulação e criação de imagens, vídeos e áudios, para a criação de conteúdo, de maneira extremamente convincente. Com isso em mente, escolhemos usar uma ferramenta intitulada *Criador de Imagens do Bing*. A princípio, só é preciso informar, por escrito, à ferramenta o que deseja para que ela possa gerar em seguida, o chamado *prompt*. Iniciamos digitando “gerar a capa de um livro com leopardo, canguru, elefante etc.”, animais citados nos contos presentes no livro. No entanto, a ferramenta gerou apenas algumas imagens e ilustrações aleatórias, em vez de uma capa, como desejávamos.

Não sendo suficiente, decidimos insistir no uso da ferramenta, dessa vez incluindo outros animais também presentes nos contos como, por exemplo, tatu,

³ Produção Discente: <http://www.cchla.ufpb.br/ctrad/contents/menu/discente/producao-discente-1>. Acesso em: 05 julho. 2024.

camelo, baleia, e o resultado foi ficando aquém das expectativas, como podemos ver na Figura 1 a seguir.



Figura 1 - Figuras geradas por meio de inteligência artificial pelo aplicativo Criador de Imagens do Bing

Além de continuar gerando ilustrações aleatórias, a ferramenta misturou características físicas dos animais, criando seres inexistentes. Prontamente, partimos em busca de outra solução. Como alternativa, Laís Lopes, uma das tradutoras, criou um rascunho para representar uma capa com uma identidade visual que refletisse as silhuetas dos elementos principais dos contos: os animais em seus habitats. Como elemento informativo, havia o título do livro *Apenas Histórias* em evidência no centro (ver Figura 2 abaixo).

Após o rascunho que veremos a seguir, feito às pressas para contextualizar a ideia, partimos para a produção da capa, onde me dispus a realizar, mas ainda sem qualquer pretensão de publicar o livro. A capa de um livro é, muitas vezes, o primeiro contato que o leitor tem com o material, então é essencial que seja vistosa, relevante e eficaz em transmitir o que a obra apresenta. A ideia, na realidade, seria aprimorar o rascunho já existente para que a capa não fosse apenas um elemento estético, mas uma representação visual que sintetizasse o conteúdo do livro. O rascunho já representava isso de forma satisfatória, portanto, o primeiro passo foi procurar uma

tipografia, respeitando critérios de direitos autorais e qualidade visual, para compor o título *Apenas Histórias*. A escolha de imagens, gráficos ou ilustrações foi feita para manter congruência com a narrativa e complementar a história, para tanto, acessei um banco de imagens gratuitas, o Freepik⁴, em busca de desenhos vetoriais de animais e de habitats naturais. Como se tratava de contos infantis, escolhi ilustrações com composição de tinta aquarela, com acabamento translúcido, detalhes delicados, camadas, cores e texturas suaves para criar uma estética visual atraente. Para montar e criar o design da capa, utilizei ferramentas de edição de imagens popularmente conhecidas como Adobe Photoshop e Adobe Illustrator.

Apesar de o rascunho da capa (mostrado na Figura 2) atingir o propósito desejado pela equipe, de representar a obra e os contos, a capa finalizada (ver Figura 3) foi aprovada pelos membros pelo impacto visual, ao refletir e capturar a atenção do leitor, com elementos paratextuais mais atrativos e interessantes. Após a conclusão e alguns pequenos retoques posteriores, a capa finalizada foi utilizada para representar o trabalho da disciplina e, posteriormente, a obra impressa e digital.



Figura 2 – Rascunho da capa do livro "Apenas Histórias"

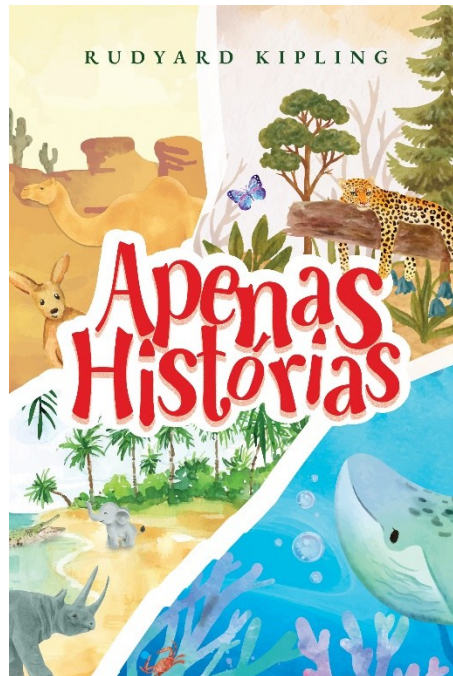


Figura 3 - Capa finalizada do livro Apenas Histórias

⁴ Disponível em: <https://www.freepik.com>.

4. O PROCESSO DE CRIAÇÃO E PUBLICAÇÃO DO LIVRO

Faltando algumas semanas para encerrar a disciplina de estágio, iniciamos as discussões sobre a possibilidade de publicarmos o resultado de nossos esforços. Jenete Fernandes, uma das tradutoras do projeto, deu o pontapé inicial. Ela acreditou intensamente que publicar o livro seria um caminho natural, diante do resultado interessante que havia sido realizado prazerosamente pela turma. Inicialmente, cogitamos disponibilizar apenas uma versão digital (*e-book*) na internet. No entanto, em junho de 2023, decidimos que uma versão física seria promissora e que poderíamos apresentá-la para a comunidade acadêmica durante a VII Jornada ExTrad, evento⁵ voltado aos projetos de extensão do curso de Tradução e projetos relacionados à tradução na UFPB. Porém, a vontade de publicar e ver o livro físico em nossas mãos não era o suficiente, pois precisávamos de um planejamento. Foi a partir daqui, meus queridos, que praticamente mexemos no vespeiro. A notícia foi divulgada entre os colegas, criando um misto de desafio e entusiasmo. No entanto, teríamos menos de três meses para editar, revisar, diagramar e enviar o livro para impressão. Mesmo com o prazo curto em mente, seguimos em frente. O próximo passo foi achar uma editora — a parte mais difícil, na realidade. Achar uma editora que esteja interessada no seu trabalho não é um processo fácil, ainda mais quando se trata de uma tradução. As editoras optam por obras inéditas e costumam trabalhar com agentes literários que têm acesso às obras previamente e apresentam à empresa para uma possível publicação. Apesar de ser a primeira vez que essa obra seria publicada como uma tradução comentada, não havia tempo para procurar um agente literário. Além disso, o mercado de livros no Brasil passa por maus bocados desde 2012⁶, diminuindo o faturamento das editoras, obrigando-as a serem rigorosamente seletivas com quais obras devem ser publicadas. Não poderíamos arriscar, já que, como dito, o prazo era curto.

Deixamos as editoras de lado, temporariamente, para começar a trabalhar na construção do livro físico, mesmo sem uma definição sobre a sua publicação. Logo no início do processo, pedimos que o professor Daniel Alves, da disciplina de Estágio, fizesse uma apresentação para o livro, o que ele de imediato e primorosamente

⁵ Mais informações sobre a Jornada ExTrad podem ser encontradas na página: http://www.cchla.ufpb.br/extrad/contents/paginas/copy_of_vi-jornada-extrad

⁶ Mercado de Livros vê queda após boom da pandemia. <https://piaui.folha.uol.com.br/mercado-de-livros-ve-queda-apos-boom-da-pandemia/>. Acesso em: 27 maio. 2024.

atendeu. Durante a aula de uma disciplina, a professora Ana Cristina Cardoso, ao tomar conhecimento do projeto, incentivou a publicação do livro e sugeriu que entrássemos em contato com uma pessoa que ela conhecia, Ciro Pedroza. Ciro é um jornalista, radialista e publicitário que mora em Natal/RN. Com tamanha bagagem cultural e conhecimento sobre o mercado literário, Ciro foi uma das peças fundamentais para o desenvolvimento da versão física. No nosso primeiro contato, por telefone, já começamos a discutir possíveis alterações no texto e no design das páginas. Com o arquivo configurado no Adobe InDesign, iniciei a edição, seguindo as suas orientações. A primeira alteração realizada foi a disposição do texto no rodapé e cabeçalho das páginas. Tentamos deixar o mais “suave” possível, para que não houvesse tanta informação mesclada, desviando o foco do leitor. Essa recomendação também serviu para as ilustrações. Na versão originalmente criada para o projeto tradutório, as ilustrações cobriam a página inteira que antecedia alguns capítulos, provocando um efeito de preenchimento, mas, ao mesmo tempo, um sentimento de exaustão. Ciro, prontamente, sugeriu um modelo semiótico comumente utilizado em livros europeus em que a ilustração, em tamanho menor, antecede os capítulos em páginas pares e os sucede em páginas ímpares, criando um efeito visual delicado de início e conclusão da narrativa.

Vejamos que, até o momento, não tínhamos uma editora para publicar o livro. E isso provocou um sentimento de autonomia e audácia, como explicarei a seguir. Ao enviar o material para uma editora, os revisores podem alterar o texto para que se enquadre a determinado público antes de ser publicado. Sendo assim, escolhas propositais realizadas pelo autor, e, principalmente pelo tradutor, podem ser descartadas ou simplesmente alteradas sem aviso prévio, para se adaptar a tal público leitor. Apesar de ser tratada como uma obra infantojuvenil, definimos o público-alvo, durante a organização do projeto, como “apreciadores da Tradução Literária”, já que se trata de uma tradução comentada. No entanto, em um dos contos do livro chamado “Como o elefante conseguiu a sua tromba”, o qual será detalhado posteriormente, o autor brinca com as palavras para representar a fala infantil do elefantinho. Na tradução, decidi repetir esse detalhe estilístico, fazendo alusão às crianças quando estão começando a balbuciar as palavras. Costumo me referir, para ilustrar esse exemplo, ao Cebolinha, o famoso personagem da Turma da Mônica, bem conhecido por trocar o R pelo L durante a fala. Essa escolha, feita pelo autor e replicada por mim,

provavelmente não seria aprovada durante a revisão do material em uma editora por questões de ortografia e adequação ao público infantojuvenil. Dessa forma, me baseio na visão de Venuti (2019, p. 25):

É o texto estilisticamente inovador que faz a intervenção mais notável numa conjuntura linguística, ao expor as condições contraditórias do dialeto-padrão, do cânone literário, da cultura dominante, da língua maior.

Com o livro devidamente diagramado, editado e registrado, o próximo passo foi garantir uma rápida revisão do material, a qual foi realizada pelo tradutor e egresso do curso, Pedro Ivo Caldas. Com o material pronto, ainda sem editora, decidimos eleger uma gráfica para a impressão do livro. Como faltavam apenas três semanas para a Jornada ExTrad, analisamos alguns orçamentos e escolhemos uma gráfica em João Pessoa, que ficou responsável pela impressão de um número pequeno de cópias para serem utilizadas no evento.

Chegado o grande dia, apresentamos a palestra “Como a tradução colaborativa superou contratempos” (ver Figura 4 e 5 abaixo), momento de exposição e reflexão do nosso trabalho. Um momento importante para evidenciar que uma abordagem colaborativa e autônoma foi fundamental para o nosso desenvolvimento como tradutores em formação. Exploramos as responsabilidades definidas desde o início, em que fomos encarregados de escolher o texto a ser traduzido, formar as equipes de trabalho, distribuir tarefas, gerenciar prazos e coordenar a revisão e a edição do trabalho final. A partir da própria experiência pessoal, o professor Daniel Alves relatou como foi o seu papel durante o projeto, nesse contexto, de orientar e apoiar, oferecendo conhecimentos técnicos, sugestões críticas e direcionamento metodológico quando necessário. Essa experiência de trabalho, adaptada a partir da abordagem socioconstrutivista proposta por Kiraly (2000) e discutida por Alves, Bezerra e Costa (2018), mostra que o método proposto oferece uma oportunidade significativa para enriquecer o desenvolvimento linguístico e as habilidades de tradução dos estudantes. Vejamos, a seguir, imagens da apresentação da palestra “Como a tradução colaborativa superou contratempos”:



Figura 4 - Apresentação da palestra “Como a tradução colaborativa superou contratempos” na Jornada ExTrad 2023, na Universidade Federal da Paraíba.



Figura 5 - Apresentação da palestra “Como a tradução colaborativa superou contratempos” na Jornada ExTrad 2023, na Universidade Federal da Paraíba.

Após a Jornada ExTrad, recebemos o convite das professoras Sinara Branco e Marília Cacho para apresentar o processo de criação do livro durante a edição de 2023 do Ciclo de Palestras Sobre Literatura Nacional e Internacional Traduzida (CPLNIT) na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Foi uma oportunidade valiosa para interagir e colaborar com outros profissionais da área dos Estudos da Tradução. Durante o evento, foi possível discutir a criação do livro desde o início, a troca de experiências e aprendizado, a descoberta de novas perspectivas sobre questões e desafios comuns na tradução. Vejamos, a seguir, um registro da apresentação da palestra em Campina Grande:



Figura 6 - Palestra “Experiências de tradução do livro ‘Just So Stories’ de Rudyard Kipling - tradutores e revisores em diálogo numa disciplina do Bacharelado em Tradução da UFPB”, no CPLNIT 2023, na Universidade Federal de Campina Grande.

Alguns meses depois, conseguimos uma editora que se prontificou a publicar o livro. A obra passou por uma nova revisão, sofreu pequenas alterações visuais para ser publicada e, finalmente, vendida de forma oficial. Hoje, o livro encontra-se disponível para venda em plataformas de *e-commerce*, em livrarias on-line ou no site da editora Clube de Autores.

5. ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Iniciar o processo de tradução de um conto pode apresentar diversos desafios que requerem cuidado e estratégias para serem superados de forma eficaz. A linguagem, o texto, o estilo do autor, a estrutura e até mesmo ideias controversas ou desafiadoras podem ter significados construídos de forma diferente do texto-fonte. Também é essencial envolver uma pesquisa extensiva para compreender o contexto histórico-cultural do autor e da obra. Segundo Venuti (2019, p. 27), a tradução é fundamentalmente etnocêntrica, ou seja, nesse contexto, visa principalmente incorporar e ajustar o texto estrangeiro para que ele se torne compreensível e relevante dentro da cultura local.

Fiquei responsável pela tradução do conto *How the Elephant Got His Trunk* (*Como o elefante conseguiu sua tromba*) e, durante a primeira análise do texto, percebi

que o autor utilizava alguns artifícios para obter um efeito estilístico como a aliteração e a sonoridade (*great grey-green, greasy / This is too butch for be!*) para brincar em determinados trechos do texto, além de utilizar expressões idiomáticas (*before you can say Jack Robinson*). É possível perceber também a utilização de termos e expressões para tentar representar a fala infantil durante os diálogos do pequeno elefante (*insatiable curiosity / dretful*). Assim como no restante da obra, o conto aborda temas polêmicos que eram comuns na época em que foi escrito. Uma das controvérsias em torno do conto surge devido à visão imperialista e eurocêntrica que Kipling apresenta. Um dos exemplos, o eufemismo *Bi-Coloured-Python-Rock-Snake* (traduzido como *Serpente-Africana-Multicolorida*), prática comum no estilo narrativo de Kipling, representa a píton-africana que surge no conto. Embora o termo em si possa não parecer ofensivo, pode carregar implicações ao perpetuar estereótipos em que culturas não ocidentais eram exotizadas, simplificadas ou apresentadas como inferiores. Outro tema controverso é a utilização de castigos físicos, tratamento cruel ou degradante contra menores. O elefante, representado como uma criança no conto, sofre um castigo físico sempre que faz uma pergunta aos parentes, apenas por sua "culiosidade", o que incomoda a sua família. Apesar dos trechos polêmicos, tentei não comprometer a tradução omitindo-os, já que impactam diretamente no desenvolvimento da história e são necessários para mostrar tais comportamentos culturais, os quais hoje não se enquadrariam na nossa sociedade, mas que servem de reflexão para a nossa realidade contemporânea.

No final de cada capítulo, há um poema (ver Quadro 9) que complementa o conto ou simplesmente narra uma nova história. Pela complexidade do gênero textual, logo pensei nas dificuldades que seriam enfrentadas durante o processo tradutório. No entanto, não foi tão difícil como eu imaginava. No início do projeto, foi determinado pelos tradutores e tradutoras que seria opcional replicar na tradução os elementos sonoros e rimas desses poemas, apesar da minha escolha de mantê-los e tentar reproduzi-los em português.

Inicialmente, julguei que essas características da escrita de Kipling poderiam representar um desafio na tradução. Contudo, o processo transcorreu de forma tranquila e prazerosa, além de ter sido permeado por extensa pesquisa e consulta. Decidi ler o texto-fonte uma vez para compreender a história do conto; na segunda vez, reli para me familiarizar com a escrita do autor e tentar identificar e marcar elementos

que poderiam passar despercebidos durante a leitura; na terceira vez, reli quebrando o texto em partes, já pensando no processo de tradução. Com as partes separadas, iniciei a tradução sequencialmente e, ao chegar no final de cada seção, fiz a junção para checar se as partes se complementavam. Assim, além de poder desfrutar de intervalos alternados, percebi que o processo se tornou mais sereno e tranquilo, ao invés de lidar diretamente com o texto contínuo.

Após o término da tradução, com um pouco de receio, por ser minha primeira experiência com tradução literária, li o texto novamente e fiz observações em trechos específicos para exemplificar algumas das escolhas tradutórias presentes no conto. Algumas adaptações foram necessárias para garantir a padronização dos diferentes contos que compõem o livro, como, por exemplo, a inserção de travessões para dividir as falas nos diálogos, uma prática que não é comum em textos de língua inglesa. Decidi manter a representação da fala infantil, adicionando pronomes de tratamento e trocando os termos e expressões por equivalentes ou próximos na tradução (por exemplo, *'satiabile curtiosity* -> *insatiable curiosity* -> curiosidade sem fim).

5.1 A TRADUÇÃO DE “COMO O ELEFANTE CONSEGUIU A SUA TROMBA”

Abaixo, como material de consulta, destaco a versão em inglês (esquerda) e a tradução (direita) nos quadros abaixo:

QUADRO 1: PARTE 1 DA TRADUÇÃO

In the High and Far-Off Times the Elephant, O Best Beloved, had no trunk. He had only a blackish, bulgy nose, as big as a boot, that he could wriggle about from side to side; but he couldn't pick up things with it. But there was one Elephant — a new Elephant — an Elephant's Child — who was full of 'satiabile curtiosity , and that means he asked ever so many questions. And he lived in Africa, and he filled all Africa with his 'satiabile curtiocities. He asked	Em tempos muito distantes, o elefante, meus queridos, não possuía uma tromba. Contava com apenas um nariz escurecido e protuberante, tão grande quanto uma bota, que podia ser contorcido de um lado para o outro, mas não conseguia agarrar nada. Porém, havia um elefante — um elefante singular — um Elefantinho — que possuía uma culiosidade sem fim , e isso significava que ele fazia muitas perguntas. Ele vivia na África e
---	---

his tall aunt, the Ostrich, why her tail-feathers grew just so, and his tall aunt the Ostrich spanked him with her hard, hard claw. He asked his tall uncle, the Giraffe, what made his skin spotty, and his tall uncle, the Giraffe, spanked him with his hard, hard hoof. And still he was full of ‘satiabile curiosity! He asked his broad aunt, the Hippopotamus, why her eyes were red, and his broad aunt, the Hippopotamus, spanked him with her broad, broad hoof; and he asked his hairy uncle, the Baboon, why melons tasted just so, and his hairy uncle, the Baboon, spanked him with his hairy, hairy paw. And still he was full of ‘satiabile curiosity! He asked questions about everything that he saw, or heard, or felt, or smelt, or touched, and all his uncles and his aunts spanked him. And still he was full of ‘satiabile curiosity!	propagava suas <i>culiosidades</i> infinitas por todo o continente. Perguntou à tia altona , a Dona Avestruz, por que as penas da cauda dela cresciam tanto e recebeu um tapa de uma garra bem dura. Perguntou ao tio ainda mais alto, o Sr. Girafa, por que a pele dele possuía tantas manchas e recebeu um tapa de um casco duro. E, ainda assim, possuía uma <i>culiosidade</i> sem fim. Questionou à sua tia bem corpulenta, a Sra. Hipopótamo, por que os olhos dela eram vermelhos e recebeu um tapa de um casco duro e ainda maior. Também questionou o seu tio felpudo, o Sr. Babuíno, sobre o gosto dos melões e foi bofeteado por uma pata peluda. E, ainda assim, possuía uma culiosidade sem fim. Ele fazia perguntas a respeito de tudo o que via, ouvia, sentia, cheirava ou tocava, e, como resposta, todos os seus tios e tias batiam nele. E, ainda assim, possuía uma culiosidade sem fim.
--	---

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 1, vemos a descrição do elefantinho e de seus familiares, além de hábitos recorrentes da rotina familiar. É o primeiro contato com a expressão “culiosidade sem fim” ou “culiosidades infinitas”. Chamo atenção para a adaptação realizada: *tall aunt* para “tia altona”, por se tratar de uma avestruz, a maior ave do mundo.

QUADRO 2: PARTE 2 DA TRADUÇÃO

One fine morning in the middle of the Precession of the Equinoxes this ‘satiabile Elephant’s Child asked a new fine question that he had never asked before. He asked, ‘What does the Crocodile have for dinner?’ Then	Um belo dia, durante a precessão dos equinócios, esse Elefantinho curioso fez uma pergunta que nunca havia feito antes: — O que o Crocodilo come no jantar? Em um tom alto e <i>desagradável</i> , todos
--	--

everybody said, 'Hush!' in a loud and dretful tone, and they spanked him immediately and directly, without stopping, for a long time.

By and by, when that was finished, he came upon Kolokolo Bird sitting in the middle of a wait-a-bit thorn-bush, and he said, 'My father has spanked me, and my mother has spanked me; all my aunts and uncles have spanked me for my 'satiabie curtiosity; and still I want to know what the Crocodile has for dinner!' Then Kolokolo Bird said, with a mournful cry, 'Go to the banks of the **great grey-green, greasy Limpopo River, all set about with fever-trees,** and find out.'

That very next morning, when there was nothing left of the Equinoxes, because the Precession had preceded according to precedent, this 'satiabie Elephant's Child took a hundred pounds of bananas (the little short red kind), and a hundred pounds of sugar-cane (the long purple kind), and seventeen melons (the greeny-crackly kind), and said to all his dear families, 'Goodbye. I am going to the great grey-green, greasy Limpopo River, all set about with fever-trees, to find out what the Crocodile has for dinner.' And they all spanked him once more for luck, though he asked them most politely to stop.

Then he went away, **a little warm, but not at all astonished**, eating melons, and throwing the rind about, because he could not pick it up.

He went from Graham's Town to Kimberley, and from Kimberley to Khama's Country, and from Khama's Country he went east by north, eating melons all the time, till at last he came to the banks of the great grey-green, greasy Limpopo River, all set about with

disseram:

— Silêncio!

E bateram nele imediato e diretamente, sem parar, por um longo tempo.

Logo após a surra, ele se deparou com o pássaro Kolokolo sentado sobre um espinheiro-para-descansar e disse:

— Meu pai e minha mãe me bateram, todas as minhas tias e tios me bateram por causa da minha *culiosidade* sem fim. E, mesmo assim, ainda quero saber o que o Crocodilo come no jantar! O pássaro Kolokolo, sem nenhum entusiasmo, logo disse:

— Vá até as margens do **grande rio Limpopo acinzentado e asqueroso, arrodado de arbustos, e averigue.**

Na manhã seguinte, quando não havia mais nada do equinócio, visto que a precessão havia precedido de acordo com o precedente, o Elefantinho curioso pegou cinquenta quilos de bananas (aquela curta de cor avermelhada), cinquenta quilos de cana-de-açúcar (da roxa e longa), dezessete melões (do tipo verde-rachado) e avisou à família:

— Adeus. Vou até as margens do grande rio Limpopo acinzentado e asqueroso, arrodado de arbustos, para descobrir o que o Crocodilo come no jantar.

E, para desejar sorte, todos bateram nele mais uma vez, embora ele pedisse educadamente que parassem. Então, o Elefantinho partiu. **Um pouco abalado, mas nem um pouco desanimado**, comendo melões e cuspiendo as cascas, pois não conseguia pegá-las. Percorreu de Graham até Kimberley, onde cruzou o país de Khama, seguindo do leste ao norte, comendo melões o tempo inteiro. Até que, finalmente, chegou às margens do grande rio Limpopo

fever-trees, precisely as Kolokolo Bird had said.	acinzentado e asqueroso, arrodado de arbustos, da forma que o pássaro Kolokolo havia dito.
---	--

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 2, vemos que, de forma clara e objetiva, o elefantinho faz uma pergunta que mudará a sua vida. É também a primeira (de muitas) citações ao “grande rio Limpopo acinzentado e asqueroso, arrodado de arbustos”. Chamo a atenção para a adaptação da expressão *a little warm, but not at all astonished* para “um pouco abalado, mas nem um pouco desanimado”, onde pude representar a coragem do elefantinho em ir sozinho sanar a sua “culiosidade”, mas um pouco abalado/traumatizado pelas surras que levava por ser curioso.

QUADRO 3: PARTE 3 DA TRADUÇÃO

Now you must know and understand, O Best Beloved, that till that very week, and day, and hour, and minute, this ‘satiabile Elephant’s Child had never seen a Crocodile, and did not know what one was like. It was all his ‘satiabile curiosity. The first thing that he found was a Bi-Coloured-Python-Rock-Snake curled round a rock. “Scuse me,” said the Elephant’s Child most politely, ‘but have you seen such a thing as a Crocodile in these promiscuous parts?’ ‘Have I seen a Crocodile?’ said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake, in a voice of dretful scorn. ‘What will you ask me next?’ “Scuse me,” said the Elephant’s Child, ‘but could you kindly tell me what he has for dinner?’ Then the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake uncoiled himself very quickly from the rock, and spanked the	Vocês já devem ter percebido, meus queridos, que até aquela semana, dia, hora e minuto, o Elefantinho curioso nunca havia visto e não sabia como era um crocodilo. Era tudo fruto da sua <i>culiosidade</i> sem fim. A primeira coisa com que ele se deparou foi uma Serpente-Africana-Multicolorida envolta de uma pedra. — Com licença — disse o Elefantinho educadamente. — Você já viu algum crocodilo por essas áreas perdidas? — Se eu já vi um crocodilo? — disse a Serpente-Africana-Multicolorida, com uma voz <i>desagladável</i> de desprezo. — Qual é a próxima pergunta? — Com licença — disse o Elefantinho. — Você poderia, por favor, me dizer o que ele come no jantar? Então, a Serpente-Africana-Multicolorida se desenrolou rapidamente da pedra e estapeou o Elefantinho com sua cauda escamosa e
---	---

Elephant's Child with his scalesome, flailsome tail. 'That is odd,' said the Elephant's Child, 'because my father and my mother, and my uncle and my aunt, not to mention my other aunt, the Hippopotamus, and my other uncle, the Baboon, have all spanked me for my 'satiabile curiosity—and I suppose this is the same thing. So he said good-bye very politely to the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake, and helped to coil him up on the rock again, and went on, a little warm, but not at all astonished, eating melons, and throwing the rind about, because he could not pick it up, till he trod on what he thought was a log of wood at the very edge of the great grey-green, greasy Limpopo River, all set about with fever-trees. But it was really the Crocodile, O Best Beloved, and the Crocodile winked one eye—like this! "Scuse me," said the Elephant's Child most politely, 'but do you happen to have seen a Crocodile in these promiscuous parts?' Then the Crocodile winked the other eye, and lifted half his tail out of the mud; and the Elephant's Child stepped back most politely, because he did not wish to be spanked again.	flácida. — Por essa, eu não esperava — disse o Elefantinho. — Pois meu pai, minha mãe, meu tio, minha tia, sem mencionar minha outra tia, a Sra. Hipopótamo, e o meu outro tio, o Sr. Babuíno, sempre bateram em mim por causa da minha <i>culiosidade</i> sem fim, e suponho que agora você fez a mesma coisa. Educadamente, ele se despediu da Serpente-Africana-Multicolorida, ajudando a enrolá-la de volta na pedra. E seguiu, um pouco abalado, mas nem um pouco desanimado, comendo melões e cuspidando as cascas, pois não conseguia pegá-las. Até que pisou no que pensou ser um tronco de madeira, nas margens do grande rio Limpopo acinzentado e asqueroso, arrodado de arbustos. Mas, na verdade, era o Crocodilo, meus queridos. E ele piscou somente um olho: Plic! — Com licença — disse educadamente o Elefantinho. — Mas você já viu um crocodilo por essas áreas perdidas? O Crocodilo piscou o outro olho, levantando metade da sua cauda para fora da lama. O Elefantinho recuou, educadamente, pois não queria que batessem nele novamente.
--	--

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 3, finalmente o elefantinho sacia a sua curiosidade ao ficar cara a cara com um crocodilo. Chamo atenção para a adaptação, no texto em português, do uso da onomatopeia "Plic" para simbolizar a piscada de olho do crocodilo.

QUADRO 4: PARTE 4 DA TRADUÇÃO

‘Come hither, Little One,’ said the Crocodile. ‘Why do you ask such things?’ ‘Scuse me,’ said the Elephant’s Child most politely, ‘but my father has spanked me, my mother has spanked me, not to mention my tall aunt, the Ostrich, and my tall uncle, the Giraffe, who can kick ever so hard, as well as my broad aunt, the Hippopotamus, and my hairy uncle, the Baboon, and including the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake, with the scalesome, flailsome tail, just up the bank, who spanks harder than any of them; and so, if it’s quite all the same to you, I don’t want to be spanked any more.’ ‘Come hither, Little One,’ said the Crocodile, ‘for I am the Crocodile,’ and he wept crocodile-tears to show it was quite true. Then the Elephant’s Child grew all breathless, and panted, and kneeled down on the bank and said, ‘You are the very person I have been looking for all these long days. Will you please tell me what you have for dinner?’ ‘Come hither, Little One,’ said the Crocodile, ‘and I’ll whisper.’ Then the Elephant’s Child put his head down close to the Crocodile’s musky, tusky mouth, and the Crocodile caught him by his little nose, which up to that very week, day, hour, and minute, had been no bigger than a boot, though much more useful. ‘I think, said the Crocodile—and he said it between his teeth, like this—‘I think to-day I will begin with Elephant’s Child!’ At this, O Best Beloved, the Elephant’s Child was much annoyed, and he said, speaking through his nose, like this,	— Aproxime-se, pequenino, — disse o Crocodilo. — por que está perguntando isso? — Com licença — disse o Elefantinho, gentilmente. — Meu pai me bateu, minha mãe me bateu, sem falar da minha tia altona, a Dona Avestruz, e meu tio mais alto ainda, o Sr. Girafa, que podem chutar com muita força. Além da minha tia corpulenta, a Sra. Hipopótamo, meu tio peludo, o Sr. Babuíno, e agora a Serpente-Africana-Multicolorida, com a sua cauda escamosa e flácida, que bate mais forte do que qualquer um deles. E, se você vai fazer isso, saiba que eu não aguento mais. — Aproxime-se, pequenino — disse o Crocodilo. — Eu sou o Crocodilo. — Derramando lágrimas de crocodilo para mostrar que estava falando a verdade. O Elefantinho ficou estupefato, ofegante, se ajoelhou na beira do rio e disse: — Estive procurando por você durante todos esses dias. Poderia, por favor, me dizer o que come no jantar? — Aproxime-se, pequenino, — disse o Crocodilo. — vou sussurrar no seu ouvido. O Elefantinho abaixou a cabeça, perto da boca quente e recheada de dentes do Crocodilo, que logo agarrou o seu nariz, que até aquela mesma semana, dia, hora e minuto, não era maior do que uma bota, embora fosse muito mais útil. — Eu acho que... — disse o Crocodilo, cerrando os dentes. — hoje vou começar com um pequeno elefante!
--	---

‘Led go! You are hurtig be!’ Then the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake scuffled down from the bank and said, ‘My young friend, if you do not now, immediately and instantly, pull as hard as ever you can, it is my opinion that your acquaintance in the large-pattern leather ulster’ (and by this he meant the Crocodile) ‘will jerk you into yonder limpid stream before you can say Jack Robinson.’	Diante disso, meus queridos, o Elefantinho ficou muito irritado e, falando pelo nariz, disse: — <i>Dolte-me! Bocê está me bachucando!</i> Em seguida, a Serpente-Africana-Multicolorida apareceu e disse: — Pequeno mamífero, melhor você tentar se soltar agora, imediata e instantaneamente, puxando o mais rápido que puder, pois como conheço esse grande casaco de couro (e com isso ela se referia ao Crocodilo), ele vai levá-lo para as profundezas do rio antes que você consiga pensar duas vezes.
---	--

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 4, chamo a atenção para a brincadeira de Kipling ao usar *crocodile tears* (mantidas como lágrimas de crocodilo no texto em português) para o crocodilo provar que realmente era o réptil que o elefantinho tanto almejava conhecer.

QUADRO 5: PARTE 5 DA TRADUÇÃO

This is the way Bi-Coloured-Python-Rock-Snakes always talk. Then the Elephant’s Child sat back on his little haunches, and pulled, and pulled, and pulled, and his nose began to stretch. And the Crocodile floundered into the water, making it all creamy with great sweeps of his tail, and he pulled, and pulled, and pulled. And the Elephant’s Child’s nose kept on stretching; and the Elephant’s Child spread all his little four legs and pulled, and pulled, and pulled, and his nose kept on stretching; and the Crocodile threshed his tail like an oar, and he pulled, and pulled, and pulled, and at each pull the Elephant’s Child’s nose	É assim que essas Serpentes-Africanas-Multicoloridas falam. O Elefantinho sentou-se apoiando o quadril, puxou, puxou, puxou, e seu nariz começou a espichar. O Crocodilo se debatia na água, fazendo um rebuliço com a sua cauda, e continuou puxando, puxando e puxando da mesma forma. O nariz do Elefantinho continuou esticando. Ele abriu as suas quatro patinhas e puxou, puxou e puxou novamente. E seu nariz só esticava mais e mais. O Crocodilo imergiu a cauda como um remo e continuou puxando do mesmo modo. A cada puxão, o nariz do Elefantinho ficava cada vez mais longo — e doía <i>pa</i>
--	--

grew longer and longer—and it hurt him hijjus!

Then the Elephant's Child felt his legs slipping, and he said through his nose, which was now nearly five feet long, 'This is too butch for be!'

Then the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake came down from the bank, and knotted himself in a double-clove-hitch round the Elephant's Child's hind legs, and said, 'Rash and inexperienced traveller, we will now seriously devote ourselves to a little high tension, because if we do not, it is my impression that yonder self-propelling man-of-war with the armour-plated upper deck' (and by this, O Best Beloved, he meant the Crocodile), 'will permanently vitiate your future career.

That is the way all Bi-Coloured-Python-Rock-Snakes always talk.

So he pulled, and the Elephant's Child pulled, and the Crocodile pulled; but the Elephant's Child and the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake pulled hardest; and at last the Crocodile let go of the Elephant's Child's nose with a plop that you could hear all up and down the Limpopo.

Then the Elephant's Child sat down most hard and sudden; but first he was careful to say 'Thank you' to the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake; and next he was kind to his poor pulled nose, and wrapped it all up in cool banana leaves, and hung it in the great grey-green, greasy Limpopo to cool.

'What are you doing that for?' said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake.

'Scuse me,' said the Elephant's Child, 'but my nose is badly out of shape, and I am waiting for it to shrink.

'Then you will have to wait a long time, said the Bi-Coloured-Python-Rock-

calamba!

O Elefantinho sentiu as patas escorregando e, falando pelo nariz, que agora tinha quase cinco metros de comprimento, disse:

— Isso é *debais* para *bim*!

A Serpente apareceu novamente, deu um nó duplo nas patas traseiras do Elefantinho e disse:

— Viajante imprudente e inexperiente, vamos colocar um pouco mais de força nessa tração traseira, senão, tenho a impressão de que aquele navio de guerra automotor com o convés superior blindado (e com isso, meus queridos, ela se referia ao Crocodilo) acabará com a sua existência.

É assim que essas Serpentes-Africanas-Multicoloridas sempre

falam. Imediatamente, ela puxou, o elefante repuxou, e o Crocodilo esticou. Mas o Elefantinho e a Serpente foram mais fortes, e, finalmente, o Crocodilo soltou o nariz com um estampido que podia ser ouvido de um lado a outro na região do rio Limpopo. O Elefantinho sentou-se bruscamente. Mas, primeiro, teve o cuidado de agradecer à Serpente. Logo depois, foi gentil com o seu pobre nariz estirado, embrulhando-o em folhas de bananeira frescas e umedecendo-o no grande rio Limpopo acinzentado e asqueroso.

— Por que você está fazendo isso? — disse a Serpente.

— Desculpe — disse o Elefantinho. — Meu nariz está muito esticado, e estou esperando que encolha.

— Então, você vai esperar por muito tempo — disse a Serpente —

Algumas criaturas não sabem o que é bom para elas.

Snake. ‘Some people do not know what is good for them.’	
---	--

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 5, vemos a luta corporal do elefantinho e a serpente contra o crocodilo, o que ocasionará o desenvolvimento, pela primeira vez, da tromba do elefante. Apesar de já citado, destaco o trecho “É assim que essas Serpentes-Africanas-Multicoloridas sempre falam”, como se a serpente, por ser estrangeira/africana, tivesse uma forma particular de se expressar, evidenciando um sentimento de inferioridade atribuído pelo autor — uma reflexão acerca do período histórico-cultural em que a obra foi lançada.

QUADRO 6: PARTE 6 DA TRADUÇÃO

The Elephant’s Child sat there for three days waiting for his nose to shrink. But it never grew any shorter, and, besides, it made him squint. For, O Best Beloved, you will see and understand that the Crocodile had pulled it out into a really truly trunk same as all Elephants have to-day. At the end of the third day a fly came and stung him on the shoulder, and before he knew what he was doing he lifted up his trunk and hit that fly dead with the end of it. ‘Vantage number one!’ said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake. ‘You couldn’t have done that with a mere-smear nose. Try and eat a little now.’ Before he thought what he was doing the Elephant’s Child put out his trunk and plucked a large bundle of grass, dusted it clean against his fore-legs, and stuffed it into his own mouth. ‘Vantage number two!’ said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake. ‘You couldn’t have done that with a mear-smear nose. Don’t you think the sun is	O Elefantinho ficou lá por três dias encarando o nariz encolher. Mas não encolheu, somente o fazia semicerrar os olhos. Logo, meus queridos, vocês verão e entenderão que o Crocodilo deixou a tromba dele igual a de todos os elefantes dos dias de hoje. No final do terceiro dia, uma mosca pousou no ombro dele e deu uma picada. Antes que soubesse o que estava fazendo, levantou a tromba e atingiu o inseto, esmagando-o na hora. — Vantagem número um! — disse a Serpente-Africana-Multicolorida. — Você não iria conseguir fazer isso com seu narizinho. Tente comer um pouco agora. Antes que soubesse o que estava fazendo, o Elefantinho esticou sua tromba e arrancou um grande tufo de grama, limpou-o com as patas dianteiras, devorando-o em seguida. — Vantagem número dois! — disse a Serpente-Africana-Multicolorida. — Você não iria conseguir fazer isso com seu narizinho. Não acha que o dia está
--	---

very hot here?’ ‘It is,’ said the Elephant’s Child, and before he thought what he was doing he schlooped up a schloop of mud from the banks of the great grey-green, greasy Limpopo, and slapped it on his head, where it made a cool schloopy-sloshy mud-cap all trickly behind his ears. ‘Vantage number three!’ said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake. ‘You couldn’t have done that with a mere-smear nose. Now how do you feel about being spanked again?’ “Scuse me,” said the Elephant’s Child, ‘but I should not like it at all.’ ‘How would you like to spank somebody?’ said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake. ‘I should like it very much indeed,’ said the Elephant’s Child. ‘Well,’ said the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake, ‘you will find that new nose of yours very useful to spank people with.’ ‘Thank you,’ said the Elephant’s Child, ‘I’ll remember that; and now I think I’ll go home to all my dear families and try.’	muito quente hoje? — Está mesmo. — disse o Elefantinho. Antes que soubesse o que estava fazendo, abocanhou um bocado de lama às margens do grande rio Limpopo, acinzentado e asqueroso e jogou em sua cabeça, formando um véu-escoante-de-lama-viscosa que refrescava as suas orelhas. — Vantagem número três! — disse a Serpente-Africana-Multicolorida. — Você não iria conseguir fazer isso com seu narizinho. Agora, o que acha de levar uma surra novamente? — Com licença — disse o Elefantinho. — Mas eu não gostaria de nada disso. — Você gostaria de bater em alguém? — disse a Serpente-Africana-Multicolorida. — Gostaria muito. — disse o Elefantinho. — Bem, — disse a Serpente-Africana-Multicolorida. — você achará essa sua nova tromba muito útil para bater nos outros. — Obrigado — disse o Elefantinho. — Vou me lembrar disso. Agora, acho que vou voltar para casa, para minhas famílias e colocar isso em prática.
--	--

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 6, o elefantinho descobre, após insistência da Serpente, que a briga com o crocodilo lhe garantiu uma tromba para auxiliar na sua sobrevivência e rotina diária.

QUADRO 7: PARTE 7 DA TRADUÇÃO

So the Elephant’s Child went home across Africa frisking and whisking his trunk. When he wanted fruit to eat he pulled fruit down from a tree, instead of	O Elefantinho voltou para casa, percorrendo toda a África, brincando e espanando com sua nova tromba. Quando ele queria comer uma fruta,
--	---

waiting for it to fall as he used to do. When he wanted grass he plucked grass up from the ground, instead of going on his knees as he used to do. When the flies bit him he broke off the branch of a tree and used it as fly-whisk; and he made himself a new, cool, slushy-squishy mud-cap whenever the sun was hot. When he felt lonely walking through Africa he sang to himself down his trunk, and the noise was louder than several brass bands.

He went especially out of his way to find a broad Hippopotamus (she was no relation of his), and he spanked her very hard, to make sure that the Bi-Coloured-Python-Rock-Snake had spoken the truth about his new trunk. The rest of the time he picked up the melon rinds that he had dropped on his way to the Limpopo—for he was a Tidy Pachyderm.

One dark evening he came back to all his dear families, and he coiled up his trunk and said, 'How do you do?' They were very glad to see him, and immediately said, 'Come here and be spanked for your 'satiabile curiosity.'

'Pooh,' said the Elephant's Child. 'I don't think you peoples know anything about spanking; but I do, and I'll show you.' Then he uncurled his trunk and knocked two of his dear brothers head over heels.

'O Bananas!' said they, 'where did you learn that trick, and what have you done to your nose?'

'I got a new one from the Crocodile on the banks of the great grey-green, greasy Limpopo River,' said the Elephant's Child. 'I asked him what he had for dinner, and he gave me this to keep.'

'It looks very ugly,' said his hairy uncle,

puxava diretamente do pé, em vez de esperar que caísse, como costumava fazer. Quando queria grama, arrancava diretamente do chão, em vez de ficar de joelhos, como costumava fazer. Quando as moscas o pegavam para valer, ele quebrava um galho de árvore e usava como um batedor. Além de fazer um envoltório de lama novo, fresco e asqueroso sempre que o sol estava muito quente. Quando se sentia solitário, andando pela África, cantarolava para si mesmo usando sua tromba, e o barulho era mais alto do que qualquer orquestra. Ele até interrompeu o percurso para encontrar um grande hipopótamo (não, não era parente dele) e bateu nele com muita força, para se certificar de que a Serpente-Africana-Multicolorida havia falado a verdade. No restante do tempo, pegava as cascas de melão que havia deixado cair no caminho para o Limpopo — pois era um paquiderme disciplinado. Em uma noite muito escura, ele voltou para ver todas as suas queridas famílias, enrolou a tromba e disse:

— Como vocês estão?

Eles ficaram muito felizes em revê-lo, mas logo disseram:

— Venha aqui receber o que merece pela sua *culiosidade* sem fim.

— *Tsc! Tsc!* — riu o Elefantinho. — Vocês não sabem nada sobre palmadas, eu vou mostrar como se faz. Ele desenrolou a tromba e derrubou dois de seus queridos irmãos da cabeça até os calcanhares.

— Ó, bananas! — disseram eles.

— Onde você aprendeu esse truque? E o que aconteceu com o seu nariz?

— O Crocodilo me deu uma tromba nova, às margens do grande rio

the Baboon. ‘It does,’ said the Elephant’s Child. ‘But it’s very useful,’ and he picked up his hairy uncle, the Baboon, by one hairy leg, and hove him into a hornet’s nest.	Limpopo acinzentado e asqueroso — disse o Elefantinho. — Perguntei o que comia no jantar, e ele me deu isso de presente. — É muito feia! — disse seu tio peludo, o Sr. Babuíno. — É, sim — disse o Elefantinho. — Mas é muito útil. Logo em seguida, ele agarrou o Sr. Babuíno pela perna peluda e o jogou em um ninho de vespas.
--	--

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 7, o elefantinho, agora com seu nariz esticado, retorna para casa e descobre outra utilidade para sua tromba.

QUADRO 8: PARTE 8 DA TRADUÇÃO

Then that bad Elephant’s Child spanked all his dear families for a long time, till they were very warm and greatly astonished. He pulled out his tall Ostrich aunt’s tail-feathers; and he caught his tall uncle, the Giraffe, by the hind-leg, and dragged him through a thorn-bush; and he shouted at his broad aunt, the Hippopotamus, and blew bubbles into her ear when she was sleeping in the water after meals; but he never let any one touch Kolokolo Bird. At last things grew so exciting that his dear families went off one by one in a hurry to the banks of the great grey-green, greasy Limpopo River, all set about with fever-trees, to borrow new noses from the Crocodile. When they came back nobody spanked anybody any more; and ever since that day, O Best Beloved, all the Elephants you will ever see, besides all those that you	O Elefantinho impiedoso bateu em todos os seus familiares por um bom tempo, até que eles ficaram extremamente conformados e estupefatos. Ele puxou as penas da cauda da tia altona, a Dona Avestruz; segurou o tio, Sr. Girafa, pela pata traseira e o arrastou para um arbusto de espinhos; rugiu para a sua tia corpulenta, a Sra. Hipopótamo, e soprou bolhas no ouvido dela, enquanto ela cochilava na água. Mas nunca deixou ninguém tocar um dedo no pássaro Kolokolo. O alvoroço foi tão grande que os seus queridos familiares saíram apressados, um por um, até às margens do grande rio Limpopo acinzentado e asqueroso, arrodado de arbustos, para conseguir novos narizes com o Crocodilo. Quando voltaram, ninguém mais bateu em ninguém. Desde aquele dia, meus queridos, todos os elefantes que você já viu, além
--	--

won't, have trunks precisely like the trunk of the 'satiabile Elephant's Child.	de todos que você não viu nem verá, têm trombas exatamente como a do Elefantinho curioso.
---	---

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 8, como curiosidade, uma das alternativas que eu havia escolhido para o trecho “*when she was sleeping in the water*” foi “enquanto ela tirava uma sesta”, mas optei por “enquanto ela cochilava na água”, mantendo uma linguagem mais simples e próxima do texto-fonte.

QUADRO 9: PARTE 9 DA TRADUÇÃO

I Keep six honest serving-men: (They taught me all I knew) Their names are What and Where and When And How and Why and Who.	Eu tenho seis serventes honestos, Que valem por cem, Seus nomes são “O que”, “Onde”, “Quando”, “Como”, “Aonde” e “Quem”.
I send them over land and sea, I send them east and west; But after they have worked for me, I give them all a rest.	Os envio por terra e mar, De leste a oeste eles avançam, E depois de trabalharem para mim, Todos descansam.
I let them rest from nine till five. For I am busy then, As well as breakfast, lunch, and tea, For they are hungry men:	Folgam das nove às cinco, É a hora que estou ocupado, Durante o café da manhã, almoço e chá, Não tem um menos esfomeado.
But different folk have different views: I know a person small— She keeps ten million serving-men, Who get no rest at all! She sends ‘em abroad on her own affairs, From the second she opens her eyes— One million Hows, two million Wheres, And seven million Whys!	Mas as pessoas têm visões diferentes, Conheço uma pessoa pequena Que possui dez milhões de serventes, Que não descansam nem por pena! Eles até resolvem os problemas dela, Mas carregam outros que vão de A a Z, Um milhão de “Como?”, dois milhões de “Onde?”, E sete milhões de “Por quê?”

Fonte: Adaptado de Project Gutenberg (2019) e *Apenas Histórias* (2024).

No quadro 9, vemos o poema presente no final do conto. Como dito antes, uma das características dos poemas da obra eram as rimas, as quais decidimos que seriam opcionais na tradução, no entanto, decidi preservá-las.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar uma autorreflexão sobre um projeto de tradução, o qual posteriormente se tornaria uma obra publicada, realizado no curso de bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba. O objetivo do trabalho foi revelar minhas percepções e trazer informações relativas ao desenvolvimento do projeto de tradução que foi desenvolvido, em conjunto, pelo grupo de tradutores. Para tal objetivo, utilizou-se um modelo de trabalho baseado em uma abordagem socioconstrutivista baseada na proposta de Kiraly (2000), em que o projeto é organizado e conduzido principalmente por alunos, tendo o professor como coadjuvante e mediador de discussões.

Exploramos responsabilidades significativas, tomadas desde o início, em um cenário onde fomos encarregados de escolher o texto a ser traduzido, formar as equipes de trabalho, distribuir tarefas, gerenciar prazos, coordenar a revisão e a edição do trabalho final. Além disso, foi mencionado o papel do professor, nesse contexto, de orientar e apoiar, oferecendo conhecimentos técnicos, sugestões críticas e direcionamento metodológico quando necessário.

Ainda sobre a abordagem proposta por Kiraly (2000), pode-se dizer que a colaboração e autonomia podem ser fatores primordiais para o desenvolvimento acadêmico dos futuros tradutores. Nós não apenas aplicamos teorias aprendidas em sala de aula, mas também enfrentamos desafios reais do processo de tradução, similares aos que são enfrentados no mercado de trabalho. Além disso, assumir responsabilidades de liderança e colaborar de forma eficaz com colegas fortalece habilidades interpessoais e de gestão de projetos. Logo, o fruto deste trabalho, que seria apenas restrito à comunidade acadêmica, expandiu-se e tornou-se a obra publicada *Apenas Histórias*.

Sendo assim, a proposta pedagógica aplicada na organização desse projeto de tradução foi uma experiência enriquecedora e ímpar. O apoio coadjuvante do professor não apenas enriqueceu a jornada acadêmica dos tradutores envolvidos, mas também os ajudou a compreender, de maneira abrangente, os desafios futuros dentro e fora da universidade. Os relatos divulgados aqui atuaram como um ponto de interseção importante, tendo também um papel crucial na disseminação e análise das vivências praticadas. Considero que a minha experiência ao atuar no processo tradutório e colocar no papel toda essa autorreflexão não foi fácil ou simples. Porém, enfrentar dificuldades é uma parte fundamental do processo de aprendizado e evolução. Assim, finalizo alegando que esta foi uma experiência enriquecedora, memorável, desafiadora e complementar tanto para o meu crescimento acadêmico quanto para o pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, D. Prefácio. In: Kipling, R. **Apenas Histórias**. João Pessoa: Clube de Autores, 2024.

Alves, D. Bezerra, C. Costa, P. Formação De Tradutores E Tradutoras: Reflexões Sobre A Aplicação De Uma Atividade De Tradução, A Partir De Uma Abordagem Socioconstrutivista, No Contexto De Uma Universidade Brasileira. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 37, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/33767>>. Acesso em: 30 maio. 2024.

Barros, E. H. (2011). Collaborative Learning in the Translation Classroom: Preliminary Survey Results²³. **The Journal of Specialised Translation**, (16), 42-601. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/268519356_Collaborative_Learning_in_the_Translation_Classroom_Preliminary_Survey_Results>. Acesso em: 30 maio. 2024.

Bing. (2024). **Criador de Imagens do Bing**. Disponível em: <<https://www.bing.com/images/create?FORM=IRPGEN>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

Cronin, M. **Translation and Globalization**. Routledge, 2003.

EXTRAD. **VI Jornada de Extensão e Trabalho Docente da UFPB**, [S.l.], 2023. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/extrad/contents/paginas/copy_of_vi-jornada-extrad>. Acesso em: 16 jun. 2024.

Google Cloud. **O que é inteligência artificial**, 2024. Disponível em: <<https://cloud.google.com/learn/what-is-artificial-intelligence?hl=pt-br>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Kiraly, D. **A Social Constructivist Approach to Translator Education: Empowerment from Theory to Practice**. Londres: Routledge, 2000.

Paiva, V. **A pesquisa narrativa: Uma introdução**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v.8.n. 2. 2008.

Project Gutenberg. **Just So Stories by Rudyard Kipling**. Estados Unidos, 6 jan. 2021. Disponível em: www.gutenberg.org/ebooks/32488. Acesso em: 8 ago. 2024.

Venuti, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. São Paulo: Unesp, 2019.

TERMO DE COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE

A presente declaração é termo integrante de todo trabalho de conclusão de curso (TCC) a ser submetido à avaliação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como requisito necessário e obrigatório à obtenção do grau de bacharel em tradução. Eu, MARCUS VINICIUS BARBOSA DE CALDAS BARROS, 3684212, na qualidade de aluna/o da Graduação do Curso de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, declaro, para os devidos fins, que:

- O Trabalho de Conclusão de Curso anexo, requisito necessário à obtenção do grau de bacharel em tradução pela Universidade Federal da Paraíba, encontra-se plenamente em conformidade com os critérios técnicos, acadêmicos e científicos de originalidade;
- O referido TCC foi elaborado com minhas próprias palavras, ideias, opiniões e juízos de valor, não consistindo, portanto, PLÁGIO, por não reproduzir, como se meus fossem, pensamentos, ideias e palavras de outra pessoa;
- As citações diretas de trabalhos de outras pessoas, publicados ou não, apresentadas em meu TCC, estão sempre claramente identificadas entre aspas e com a completa referência bibliográfica de sua fonte, de acordo com as normas vigentes da ABNT;
- Todas as séries de pequenas citações de diversas fontes diferentes foram identificadas como tais, bem como às longas citações de uma única fonte foram incorporadas suas respectivas referências bibliográficas, pois fui devidamente informada/o e orientada/o a respeito do fato de que, caso contrário, as mesmas constituiriam plágio;
- Todos os resumos e/ou sumários de ideias e julgamentos de outras pessoas estão acompanhados da indicação de suas fontes em seu texto e as mesmas constam das referências bibliográficas do TCC, pois fui devidamente informada/o e orientada/o a respeito do fato de que a inobservância destas regras poderia acarretar alegação de fraude.

O/A Professor/a responsável pela orientação de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentou-me a presente declaração, requerendo o meu compromisso de não praticar quaisquer atos que pudessem ser entendidos como plágio na elaboração de meu TCC, razão pela qual declaro ter lido e entendido todo o seu conteúdo e submeto o documento em anexo para apreciação da Coordenação do Curso de Tradução da UFPB como fruto de meu exclusivo trabalho.

João Pessoa, 22/08/2024

Marcus Vinicius Barbosa de Caldas Barros